

Como a dignidade conquistada com Abril, fica!!!

A dignidade do silêncio. O silêncio pode ser uma forma de heroicidade. O silêncio perante a tortura, por exemplo.

Mas os portugueses não podem exigir heroicidade ao ministro Santos Silva. Ele é apenas um ministro de um governo. Um alto funcionário do aparelho burocrático de Estado encarregado de gerir as relações de Portugal com o exterior.

Sendo um homem comum, de quem não se deve esperar grandeza, ele representa Portugal e os portugueses. Ele tem por dever representar-nos como um povo digno.

O ministro Santos Silva apoiou o assassinato de um político de um Estado reconhecido pela comunidade internacional por um outro Estado, o Estado Imperial cujo único direito invocável é o da força. Um assassinio é um assassinio. E o ministro Santos Silva condenou a tímida resposta do Estado agredido.

Portugal é um pequeno Estado. Tem uma limitada soberania e autonomia. Não pode afrontar os EUA nem os seus gângsteres. Mas não necessita de se prostituir, de se vender para obter proteção. Não necessita de um proxeneta para existir.

O governo português podia e devia manter sobre este caso, como sobre os Guadós, um digno silêncio, como o silêncio que tem mantido sobre os Bolsonaros, os golpes na Bolívia, na Colômbia, as repressões no Chile....

Nada de heroísmos, senhor ministro! Nunca os praticamos nem com ingleses, nem com franceses nem era agora que nos iríamos armar com penas de pavão e cantar de galo. Nada disso, senhor ministro. Apenas um silêncio digno que fosse diferente da vergonhosa venda de raparigas à beira da estrada, do papel de trottoir do Durão Barroso e do Paulo Portas.

Um silêncio, ministro Santos Silva. Um silêncio digno de um impotente sentado numa cadeira à mercê de um algoz.

Por mim, enquanto português filho de uma americana, vejo-o, ministro Santos Silva, como um parceiro do filho do Bolsonaro que se queria fazer embaixador porque vendia hambúrgueres nos EUA.

Ofende-me ter um ministro que serve hambúrgueres aos americanos em vez de ser ministro de Portugal.

Coronel Carlos Matos Gomes